

Estética, Sociabilidade e Identidade Negra: olhares para experiências juvenis nas barbearias das favelas cariocas a partir do filme “Deixa na Régua”

Aesthetics, Sociability and Black Identity: looks at youth experiences in the barber shops of Rio's favelas from the film “Deixa na Régua”

Estética, Sociabilidad e Identidad Negra: miradas en las experiencias juveniles en las peluquerías de las favelas de Río de Janeiro, de la película “Deixa na Régua”

Renan Saldanha Godoi
Universidade Federal Fluminense
renan_saldanha@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0001-6430-1556>

Juliana Souza Barbosa
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
julianasouzabarbosa20@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4654-4241>

Moacyr Salles Ramos
Universidade Federal Fluminense
mramos@id.uff.br
<https://orcid.org/0000-0002-6192-777X>

RESUMO

Este artigo lança olhares para as experiências de jovens negros e periféricos nas barbearias das favelas cariocas. Interessa-nos analisar os sentidos atribuídos pelos jovens ao corte, expresso na dimensão estética enquanto experiência do sensível, bem como os desdobramentos nos processos identitários desses jovens negros na afirmação e apropriação étnico-racial. Para tanto, adotamos a análise fílmica como recurso metodológico, a fim de tecer um diálogo entre o documentário “Deixa na Régua” (2016) e a produção acadêmica nos campos da educação, sociologia da juventude e filosofia. Através desta análise, foi possível identificar que as barbearias, lugares socialmente desvalorizados e invisibilizados, tornam-se espaços de sociabilidade e ambientes educativos informais para esses jovens, onde ocorrem trocas simbólicas e afetivas mediadas pela dimensão estética. Tal dimensão subverte a lógica racista que incide no cabelo crespo, suscitando a construção de um outro olhar destes sujeitos sobre si.

Palavras-chave: Estética. Sociabilidade. Identidade negra. Juventudes. Educação informal.

ABSTRACT

This article takes a look at the experiences of young blacks from the ghetto in the barber shops of Rio's favelas. We are interested in analyzing the meanings attributed by young people to the cut, expressed in the aesthetic dimension as an experience of the sensitive, as well as the developments in the identity processes of these young blacks in the affirmation and ethnic-racial appropriation. To this end, we adopted a film analysis as a methodological resource in order to weave a dialogue between the documentary "Deixa na Régua" (2016) and academic production in the fields of education, juvenile sociology and philosophy. Through this analysis it was possible to identify that barber shops – socially devalued and invisible places – become spaces of sociability and informal educational environments for these young people where symbolic and affective exchanges occur mediated by the aesthetic dimension. This dimension subverts the racist logic that affects the afro hair causing the construction of another view of these subjects on themselves.

Keywords: *Aesthetics. Sociability. Black identity. Youths. Informal education.*

RESUMEN

Este artículo analiza las experiencias de jóvenes negros y periféricos en las peluquerías de las favelas de Río de Janeiro. Nos interesa analizar los significados atribuidos por los jóvenes al corte, expresados en la dimensión estética como experiencia de lo sensible, así como los desarrollos en los procesos identitarios de estos jóvenes negros en la afirmación y apropiación étnico-racial. Para ello, adoptamos el análisis cinematográfico como recurso metodológico para tejer un diálogo entre el documental "Deixa na Régua" (2016) y la producción académica en los campos de la educación, la sociología juvenil y la filosofía. A través de este análisis se pudo identificar que las peluquerías, lugares socialmente devaluados e invisibles, se convierten en espacios de sociabilidad y ambientes educativos informales para estos jóvenes, donde se producen intercambios simbólicos y afectivos, mediados por la dimensión estética. Esta dimensión subvierte la lógica racista que afecta al cabello rizado, provocando la construcción de otra mirada de estos sujetos sobre sí mismos.

Palabras clave: *Estética. Sociabilidad. Identidad negra. Jóvenes. Educación informal*

Introdução

Por meio do presente artigo, desenvolvemos uma discussão sobre estética, sociabilidade e identidade negra a partir das experiências juvenis nas barbearias das favelas cariocas. Para tanto, adotamos a análise fílmica como recurso metodológico, a fim de tecer um diálogo entre o documentário "Deixa na Régua" (2016) e a produção acadêmica nos campos da educação, sociologia da juventude e filosofia.

Dirigido e roteirizado pelo cineasta e cientista social Emílio Domingos, "Deixa na Régua" (2016) é o segundo filme da "Trilogia do Corpo" produzida pelo diretor, que conta com produções que retratam o cotidiano de jovens pobres e negros das favelas cariocas, abordando questões estéticas e identitárias dessa juventude.

Em "Deixa na Régua" (2016), Domingos acompanhou o dia a dia de três barbearias situadas em áreas periféricas do Rio de Janeiro, registrando como aqueles jovens

encontram nesses salões espaços de sociabilidade e de afirmação de suas identidades negras, com cortes de cabelos ousados e criativos, repletos de sentidos que vão muito além da questão da vaidade. Estes salões também constituem-se enquanto espaços onde ocorrem processos educativos informais, isto é, as questões levantadas pelos jovens nas barbearias engendram experiências e aprendizagens que descortinam a realidade sociocultural dos mesmos. Trata-se de um fazer educativo calcado na dimensão do sensível, do afeto e das representações juvenis.

Partindo das reflexões suscitadas pela análise fílmica, realizamos uma revisão bibliográfica buscando articular elementos identificados no documentário com os atravessamentos presentes no contexto sociocultural dos jovens, e que constituem a existência desses sujeitos. Para alcançar tal intento, o artigo está dividido em três seções.

Na primeira seção, apresentamos elementos importantes do documentário “Deixa na Régua” partindo da compreensão desses salões como espaços educativos informais, no qual os sujeitos desenvolvem redes de sociabilidade e constroem modos específicos de ser jovem e de vivenciar a juventude. Na segunda seção, abordamos a dimensão estética e seus desdobramentos no âmbito dos processos identitários da juventude negra a partir dos eixos raça, território e gênero presentes na narrativa dos jovens que protagonizam o filme. Por fim, na terceira seção pontuamos a articulação da dimensão estética, enquanto experiência do sensível, com o campo da educação contemporânea a fim de ampliar a compreensão do fazer educativo que se efetiva em espaços informais, tal como as barbearias retratadas no filme.

“Deixa na régua”: Estética e sociabilidade da juventude negra e periférica do Rio de Janeiro

“Deixa na régua” – a expressão recorrente nas barbearias das favelas cariocas dá nome ao documentário do cineasta e cientista social Emílio Domingos (2016). Ao retratar as relações dos jovens que frequentam barbearias situadas em áreas periféricas, o longa-metragem tece uma leitura sensível sobre essa juventude, suas estéticas, e as redes de sociabilidade que se estabelecem nesses espaços.

Entre um corte e outro, essas redes ganham vitalidade, cor, assumem contornos variados, tal como a diversidade de estilos e acabamentos produzidos pelas talentosas mãos dos barbeiros que criam e recriam estilos próprios daquele grupo. Esses profissionais, contudo, não se caracterizam apenas pela habilidade com que executam seus cortes, mas transformam-se também em confidentes de seus clientes a partir das relações

de confiança que constroem nas comunidades. Tornam-se, então, mediadores de uma “arena juvenil” que reúne uma diversidade de jovens em busca não apenas de um estiloso corte de cabelo mas também interagir com seus pares, compartilhar experiências significativas, falar de seus amores, suas frustrações, seus medos e suas alegrias.

Considerando a dimensão e a potência das experiências compartilhadas nesses espaços, partimos do princípio de que tratam-se de processos educativos informais, acompanhando o entendimento de Gohn (2006) que compreende a educação informal como aquela que decorre dos processos de socialização, sendo intrínseca aos diferentes espaços que os sujeitos transitam e dotada de valores culturais, afetividades e sensibilidades. Nesse sentido, de acordo com a autora, a educação informal é um processo que “desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento” (GOHN, 2006, p.29).

Esta compreensão implica, necessariamente, o reconhecimento dessas barbearias como espaços educativos informais, tomando esses lugares socialmente desvalorizados e invisibilizados como ambientes formativos nos quais ocorrem trocas simbólicas e afetivas que são intrinsecamente possibilitadas pela dimensão estética daqueles sujeitos.

Para construirmos este diálogo, utilizaremos a análise fílmica como recurso metodológico, a fim de decompor o documentário “Deixa na régua”, buscando extrair elementos presentes na obra que possam suscitar uma interlocução com a produção acadêmica no campo da educação contemporânea, sobretudo no âmbito da sociologia da juventude, em especial a juventude negra e periférica das favelas cariocas retratada no longa-metragem.

De acordo com a definição dada por Vanoye e Goliot-Lété (1994, p.15 apud CARVALHO, 2014, p.81),

Analisar um filme ou um fragmento é, antes de mais nada, no sentido científico do termo, [...] decompô-lo em seus elementos constitutivos. É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar matérias que não se percebem isoladamente ‘a olho nu’, pois se é tomado pela totalidade. Parte-se, portanto, do texto fílmico para ‘desconstruí-lo’ e obter um conjunto de elementos distintos do próprio filme. [...] Uma segunda fase consiste, em seguida, em estabelecer elos entre esses elementos isolados, em compreender como eles se associam e se tornam cúmplices para fazer surgir um todo significante: reconstruir o filme ou o fragmento.

As lições de Vanoye e Goliot-Lété (1994, apud CARVALHO, 2014) sobre a análise fílmica demonstram-se ainda mais complexas em “Deixa na Régua”, uma vez que a

decomposição do filme deve partir da constatação de que seu roteiro parece ter sido cuidadosamente projetado para conferir o caráter de imprevisibilidade que caracteriza tanto aquelas barbearias quanto a própria juventude que as frequentam. Nesse sentido, a cada sujeito que ingressa nesses espaços, uma novidade, um novo modelo de corte, uma nova história a ser compartilhada, uma nova interação se anuncia. Nessa dinâmica, deve-se ressaltar que o roteiro do filme é bem sucedido ao apostar no imponderável para bem retratar as orgânicas relações que se constituem naqueles salões.

Dentre os muitos elementos passíveis de serem destacados na análise fílmica de “Deixa na régua”, em diálogo com a produção acadêmica no campo da educação contemporânea e da sociologia da juventude, optamos por dar ênfase em dois aspectos que consideramos norteadores de seu roteiro: o primeiro refere-se à sociabilidade enquanto processo educativo vivenciado pelo jovens que se encontram naqueles espaços; o segundo remete-se à dimensão estética, enquanto ciência do conhecimento sensível, tal como preceitua a filosofia de Alexander Gottlieb Baumgarten (1714-1762). A ênfase, portanto, não está apenas nos cortes, mas principalmente nas diferentes formas de sentir e de construir significados e identidades.

A começar pelo primeiro aspecto, observamos que os jovens permanecem por muitas horas aguardando para realizarem seus cortes. A longa espera, contudo, não parece incomodar nem um pouco aqueles garotos, que transformam o tempo aparentemente ocioso em um momento de encontro, dotado de sentidos, no qual interagem e dialogam sobre toda sorte de temas, das conquistas nos bailes às aventuras da rua; dos dramas familiares à violência urbana. A edição do filme acerta ao enfatizar essa diversidade, capturando a fluidez dos diálogos e desmistificando a falsa ideia de que os jovens seriam alheios e passivos aos problemas que os cercam. Nesse sentido, a ida às barbearias passa a representar muito mais do que uma simples necessidade de aparar o cabelo, configurando-se como uma rede de sociabilidade formada pelos sujeitos que criam, interagem e compartilham daquele espaço-tempo.

O sociólogo alemão Georg Simmel (1983) define sociabilidade como “a forma lúdica da sociação” (SIMMEL, 1983, p.168), ressaltando que, por ser pura e independente de interesses e propósitos objetivos (conteúdos), possibilita que os indivíduos manifestem, nessas interações, suas peculiaridades e singularidades em sua plenitude.

Em “Deixa na Régua”, vemos a perspectiva teórico-metodológica de Simmel (2014) materializada naquelas barbearias, evidenciada a partir da distinção analítica dos conteúdos e formas de sociação: uma necessidade, um interesse, um objetivo para se

dirigir a um local e cortar o cabelo (conteúdo), que resulta em múltiplas formas de socialização que emergem dessas interações e ganham vida própria, tornam-se experiências prazerosas e lúdicas – a sociabilidade tal como definida pelo autor.

A cada corte de cabelo, em suas diferentes estéticas, revelam-se identidades individuais e coletivas, próprias daquele espaço, anunciando um modo de ser jovem absolutamente distinto do que é sê-lo em outras áreas da cidade. Diante de tamanha diversidade, seríamos imprudentes caso tratássemos a ideia de juventude como se fosse simplesmente um grupo homogêneo de pessoas que compartilham uma mesma faixa etária, tal como advertiu Pais (1990).

Os estudos contemporâneos sobre juventude, ancorados na sociologia da juventude e na antropologia, afirmam que para além da concepção “naturalista” de fase transitória de vida, a juventude é uma categoria social (GROPPO, 2017; PAIS, 1990; DAYRELL, 2003; PERALVA, 1997). Acerca disso, Groppo (2017, p.11) afirma que “a juventude é, sobretudo, uma categoria social e não uma característica natural do indivíduo; Pais (1990, p. 146) pontua que “a juventude é, por conseguinte, produto de um complexo processo de construção social”; Dayrell (2003) reitera que o jovem é construído por critérios históricos e culturais, são sujeitos sociais; Peralva (1997) salienta que a juventude é uma condição social e também uma representação.

Mediante a multiplicidade de atravessamentos e vivências juvenis, Rezende (1989) pontua a necessidade de se abordar a juventude no plural, juventude(s), de modo a abarcar a diversidade sociocultural impressa nesses sujeitos. Nesta esteira, Groppo (2017) reitera que esta concepção alerta para a existência de grupos sociais concretos, de uma pluralidade de juventudes: de cada recorte sociocultural, classe social, religião, gênero, raça, território etc. Tem-se, efetivamente, uma juventude marcada pela diferença.

Diante disto, é possível inferir que o longa-metragem traz, como sujeitos centrais da produção fílmica, as vivências de um público juvenil singular. Trata-se de jovens, negros, periféricos e do sexo masculino. É, justamente, desta condição social que o filme expõe os jovens e sua articulação com o corte e a estética.

Isto posto, cabe destacar a dimensão do território em questão, visto que não se trata de qualquer espaço social, mas do território da periferia. Este espaço implica um debate bastante expressivo, pontuado sobretudo pela sociologia urbana, sobre a maneira como os sujeitos, mais especificamente, os jovens são vistos neste lugar. Milton Santos (2000), intelectual negro e grande expoente no campo da geografia, auxilia na

compreensão da noção de território, desdobrando assim as significações impressas para além da mera ideia de um “lugar”. Em suas palavras:

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer aquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que está se falando em território usado, utilizado por uma dada população (SANTOS, 2000, p.96).

Deste modo, os jovens que protagonizam “Deixa na Régua” não falam apenas de si, mas também deste lugar, repleto de significados e singularidades que lhes constituem enquanto sujeitos. Dentre as inúmeras formas de comunicar e de expressar essas relações orgânicas, o documentário vai destacar a dimensão estética como manifestação do sentir através dos cortes de cabelos daqueles jovens. Aliás, essa parece ser a essência que conecta as obras da “Trilogia do Corpo” de Emílio Domingos que, em “A Batalha do Passinho”, evidencia essas relações através dos passos praticados pelos jovens nos bailes funks das comunidades e, em “Favela é Moda”, aponta suas lentes para as agências de modelos que nasceram no coração das favelas cariocas, conferindo representatividade a esses mesmos corpos negros e periféricos.

Por isso, dentre as inúmeras riquezas que “Deixa na Régua” nos apresenta, é pertinente pontuar a dimensão estética evocada a partir da questão do corte e seus desdobramentos. Para além de um aparente corte que desvela a dinâmica do cotidiano de jovens pobres em salões da comunidade, o que emerge de forma latente é a maneira como esta questão estética aponta para corpos, sujeitos, jovens e um território marcado por eixos de opressão e vulnerabilidade bem como as potencialidades e resistências. As chaves interpretativas do filme são múltiplas e suscitam fecundos debates, sendo os processos identitários uma dessas chaves e que abordaremos em seguida.

Estética negra: a dimensão sensível nos processos identitários da juventude negra

Tem sido comum a associação da palavra estética à beleza, sobretudo no que se refere ao desejo ávido de se enquadrar aos padrões impostos pela sociedade de consumo. No entanto, aqui ela é evocada enquanto categoria de análise a partir do resgate do seu

sentido etimológico, originado do grego *aisthesis*, que significa “faculdade de sentir”, “compreender pelos sentidos” (ARANHA e MARTINS, 2003).

A estética, enquanto campo de investigação filosófica, surge a partir do século XVIII, com a publicação da obra “Estética” do filósofo alemão Baumgarten (2007), embora temas que circunscrevem o campo da estética, como a arte, a beleza e o belo, tivessem sido tratados desde Platão, tendo passado, posteriormente, pelo crivo de pensadores como David Hume, Locke, Kant, dentre outros.

Para Baumgarten (2007), a compreensão de estética, enquanto conhecimento do sensível, não está dissociada do inteligível, do racional. De acordo com Oliver Tolle (2007), a obra de Baumgarten aprofunda a integração entre razão e sensibilidade, de modo não antagônico, mas sim como uma unidade de um mesmo sistema.

Nesse sentido, Tolle (2007) aponta que a filosofia baumgartiana foi interpretada por diferentes perspectivas, tais como “fundamentação metafísica para as categorias da retórica antiga”; “ponto de partida para as estéticas do gênio e das filosofias de arte do idealismo alemão”; ou “exemplo final do dogmatismo que foi duramente criticado por Kant”. Ao tecer uma crítica acerca da incompreensão da proposta filosófica de Baumgarten, Tolle (2007) ressalta que a mesma raramente foi apropriada em seu próprio terreno.

Este trabalho adota a concepção de estética a partir da filosofia baumgartiana que a define como ciência do conhecimento sensível, indo além da concepção do belo e das artes. Nessa direção, a experiência estética trata da possibilidade de conhecer o mundo através dos sentidos, ou seja, na experiência no/do corpo.

Contudo, quando se trata do corpo negro, tal como dos jovens do filme em análise, essa experiência se amplia e é atravessada por “uma gama de práticas culturais que tem seu suporte nas tradições orais, rítmicas, religiosas e corporais da diáspora negra no Brasil” (AZEVEDO, 2019, p.39-40). Nessa perspectiva, a estética negra não se restringe à concepção clássica, que evoca a teoria do belo, mas está relacionada à “receptividade sensorial e emocional comum de um grupo”, como salienta Muniz Sodré (2015, p.245). Tais elementos podem ser percebidos nas experiências dos jovens de “Deixa na Régua”, em que entram em jogo o cabelo crespo e o corpo negro marcados por estigmas decorrentes do racismo à brasileira, mas que também expressam um modo de sentir, conhecer e experimentar o mundo, construindo formas de resistência que se dão pela via da cultura do corte. Neste sentido, o corte é uma manifestação da relação subjetividade-objetividade inerente a esta estética.

Em outros termos, o corte do cabelo desses jovens negros periféricos fala, mais precisamente, de uma forma de conhecer pelos sentidos a partir de uma unidade corpo/mente que é indissociável na experiência desses sujeitos. Nessa esteira, também é possível inferir que “a expressão estética negra é inseparável do plano político, do econômico, da urbanização da cidade, dos processos de afirmação étnica e da percepção da diversidade”, conforme pontua Gomes (2002, p.10).

Para a autora,

[...] mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. [...] estamos, portanto, em uma zona de tensão (GOMES, 2002, p.3).

Por isso, interessa-nos salientar que a estética do sensível, a partir do corte, desvela a desconstrução de uma concepção racista em que caberia aos meninos e jovens negros apenas rasparem o cabelo, passarem a máquina. Lançar fora aquilo que constitui sua identidade é, em certa medida, se distanciar de si. Em contrapartida, os cortes apresentados em “Deixa na Régua” expressam a apropriação do cabelo crespo dos meninos e jovens favelados, como reconhecimento de sua identidade, como evidenciam Junior e Melgaço (2020):

O corte de cabelo, conhecido como “na régua”, subverte esta identidade imposta para estes jovens como marginais e as amplia, na medida em que não representa um simples corte de cabelo, mas a afirmação enquanto homens negros que se inserem como sujeitos em relações sociais estabelecidas e orientadas a partir deste corte. (JUNIOR; MELGAÇO, 2020, p. 310)

A experiência dessa estética negra é expressa no diálogo entre dois jovens do “Deixa na régua”, quando o barbeiro Ed diz que se sente mal ao se apresentar sem os cuidados que entende como imprescindíveis para o seu bem-estar: “Pôh! Tá maluco, cara! Semana passada fui pro baile cabeludão, sem fazer o pé, barba grande, fiquei como... deprimidão no baile”. Através desta pequena narrativa, pode-se inferir que o significado que este jovem atribui ao corte de cabelo está intimamente ligado ao modo como se sente e a forma como se relaciona com seus pares, conferindo um valor que, para além da noção de vaidade, constitui-se como estruturante de sua identidade negra e da produção de sua subjetividade.

Gomes (2002) adverte-nos que refletir sobre a identidade negra implica complexidades e ambiguidades. A autora explicita que “[...] para o negro, a intervenção no

cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade [...]. É identitária” (GOMES, 2002, p.3). Deste modo,

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros (GOMES, 2003, p.171)

A construção da identidade negra bem como a estética negra se efetiva na interação, ou seja, o processo identitário implica o contato com o outro, visto que não é possível pensar tal construção de maneira isolada. Conforme pontua Souza (1990, p.77), o negro no Brasil torna-se negro. Este “tornar-se negro” é permeado por atravessamentos significativos tais como a questão do território e de gênero (masculinidade), desdobrados a seguir a partir das experiências e narrativas dos jovens do filme.

Nesse sentido, o filme apresenta, de forma evidente, os preconceitos que incidem sobre o território da periferia e sua apropriação por parte desses jovens que conferem um significado distinto daquele imposto pela sociedade. Esta questão fica muito bem explicitada em outra fala do barbeiro Ed, quando alerta um dos jovens sobre o modelo de corte: “não fica meio grilado não se algumas pessoas na rua te olharem diferente, tá ligado! (...) esse corte começou na cabeça de coreto, e coreto é ladrão (...) pra muita gente isso aqui é corte de ladrão, de favelado, mas na nossa visão já é diferente, tá ligado!”.

Esta fala desvela os estigmas que incidem sobre os jovens, principalmente os negros, que ocupam estes territórios. Trata-se da criminalização dos sujeitos e desses territórios. Na obra “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, o antropólogo e sociólogo Erving Goffman (1975, p.12) aponta que “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias”, assim, o termo estigma é usado “em referência a um atributo profundamente depreciativo” (1975, p.13).

Nesse contexto, a apropriação estigmatizada dos cortes de cabelo desses jovens e de outros atributos que lhes caracterizam, transforma esses sujeitos em suspeitos potenciais, através de um processo que o sociólogo Michel Misse (1999) chama de “sujeição criminal”. Em linhas gerais, o processo de sujeição criminal trata da fusão do crime na identidade dos sujeitos, ainda que estes jamais tenham praticado quaisquer atos

ilícitos, sendo produto historicamente construído em uma sociedade estruturada no racismo e também estruturante deste mesmo racismo.

De acordo com Misse (1999):

Sempre que possível, esses agentes trarão signos corporais que comunicam uma “suspeita” de sua sujeição – sinais de perigo social, signos que contextualizam idade, gênero e cor com sinais de sua classe social (ou “subclasse”), educação, descontrole moral, uso de convenções sociais, além de símbolos negativamente interpretados, como certos tipos de tatuagens, de cicatrizes, cortes de cabelo, de gestos e modos de andar, de olhar, de conversar, de se vestir. Tipos sociais e incriminação individual se intercambiam ou se complementam em várias áreas, produzindo com o tempo tipos sociais de sujeição criminal historicamente fixados (MISSE, 1999, p.48).

Nessa direção, o mesmo processo que coloca esses jovens como “suspeitos potenciais”, também os transforma em uma ameaça que precisa ser contida a qualquer custo, mesmo que esse custo seja pago com a própria vida, tal como evidenciado pelo Atlas da Violência 2018: “no país, 33.590 jovens foram assassinados em 2016, sendo 94,6% do sexo masculino” (CERQUEIRA, 2018, p.32). O documento também ressalta que a taxa de homicídios entre os negros (pretos e pardos) é mais que duas vezes superior que a de não-negros, confirmando as demais estatísticas nacionais que apontam o jovem negro do sexo masculino como a principal vítima de homicídio no país.

Portanto, a fala do barbeiro Ed evidencia a maneira consciente como estes jovens lidam, cotidianamente, com as opressões no território periférico, sobretudo com as violências perpetradas pela polícia, e pelas milícias e facções criminosas que se instalam nesses espaços. Não é novidade que a abordagem policial tem como delinquente um público específico, com cor e localidade também. Guimarães (2011), por exemplo, salienta que a abordagem policial parece ter nos jovens o seu público preferencial em função do estigma, sobretudo os jovens negros do sexo masculino. Estas formas de opressão atingem de forma substancial essa juventude e desnuda o teor da criminalização juvenil, periférica e negra.

O trecho da música “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro”, da banda “O Rappa”, configura-se enquanto crítica poética e elucida de forma bastante representativa a condição do negro mediante a abordagem policial, fazendo menção à grande parcela da juventude negra, sobretudo, os jovens homens e negros:

É mole de ver
Que em qualquer dura
o tempo passa mais lento pro negão
Quem segurava com força a chibata agora usa farda
Engatilha a macaca
Escolhe sempre o primeiro negro pra passar na revista
Pra passar na revista.
Todo camburão tem um pouco de navio negreiro

O Rappa

Assim, o genocídio da juventude negra é uma discussão extremamente relevante e tem ganhado considerável expressão por parte dos movimentos sociais na luta pelo direito à vida desses jovens. Nesse sentido, a variável raça também é um significativo marcador desses corpos que habitam este espaço periférico. Além disto, são jovens homens, ou seja, a variável sexo/gênero também é central. Em suma, território, gênero, raça e classe são clivagens que perpassam as vivências desses jovens.

A edição do documentário é precisa ao apontar essas diversas nuances como, por exemplo, quando destaca a chegada do menino branco no salão de Ed. A presença deste menino causa certo estranhamento, uma vez que o seu cabelo é liso e não crespo como da maioria dos jovens que ali frequentam, tornando-se motivo de debate entre os sujeitos presentes no salão. Enquanto um dos jovens interpela o menino dizendo “seu cabelo é bom, não faz pretice não”; outro rapaz recomenda: “passa a zero pra ficar igual ao Vin Diesel”. Ao ouvir as brincadeiras, o barbeiro Ed também faz sua provocação: “quem disse que seu cabelo é bom? Cabelo bom é o meu” – impondo-se como negro que reconhece seu próprio valor e beleza. Nesse sentido, Gomes (2002, p. 1) salienta que “[...] o cabelo crespo, visto socialmente como estigma, é transformado, não sem contradições, em símbolo de orgulho e afirmação étnico/racial”. No final das contas, apesar das brincadeiras e sugestões, o menino branco já havia chegado ao salão decidido: desejava decorar seu cabelo com o símbolo da Nike, como muitos garotos negros o fazem nessas comunidades.

É interessante analisar que, embora o menino seja branco, ele compartilha do mesmo lócus, do mesmo território, portanto, também se sente na condição de compartilhar do corte dos jovens negros. Ou seja, a cultura negra e periférica emerge, na concepção deste menino branco, como algo de valor positivo, o corte representa beleza tendo em vista o contexto de socialização em que está inserido. Ocorre, neste momento do filme, um contraponto da cultura negra em detrimento à cultura branca, assumindo, assim, a valorização da cultura favelada. Assim como o menino branco tem como referência o corte dos jovens negros, os próprios jovens negros também compartilham de tal valor e

tecem algumas comparações com negros norte-americanos, a exemplo do rapaz que, satisfeito com o resultado final do trabalho de Ed, afirma: “sem palavras, cara! Primeiro brasileiro se sentindo americano, papo reto!”

“Deixa na régua” também apresenta-nos uma juventude que nos conduz a questionar certos paradigmas relacionados à vaidade masculina. Apresentar-se sempre com o cabelo bem cortado, atualizado semanalmente, como vimos, é uma condição inegociável para aqueles jovens, que também se preocupam com as sobrancelhas, bigodes, cavanhaques e unhas. Esta questão aparece novamente muito bem evidenciada pelo barbeiro Ed, quando narra ter sido interpelado por uma mulher por estar com as unhas feitas: “você não acha que isso está muito afeminado, não?” disse a mulher para Ed que responde “isso aí vai da cabeça da pessoa”, demonstrando não se importar com essa opinião. Ao que parece, Ed apresenta outra concepção de masculinidade que destoa de sua interlocutora.

Sobre a masculinidade do homem negro, o sociólogo Deivison Nkosi Faustino (2014) pontua que:

O homem negro deve ser “macho ao quadrado” em todas as situações exigidas, e só a partir desses atributos será reconhecido. A própria afirmação do subalterno não prescinde dos atributos oferecidos pelo opressor, a ausência ou a deficiência de algum elemento relacionado ao corpo terá consequências catastróficas para a identidade deste homem (FAUSTINO, 2014, p. 75).

Por outro lado, cabe ressaltar também a maneira como estes jovens estabelecem relações com a dimensão do feminino, mais precisamente, com suas representações de mulher. Para além da questão da masculinidade, o longa tangencia, em alguns momentos, posicionamentos sexistas desses jovens referindo-se à mulher de maneira pejorativa ou com uma perspectiva de mulher objetificada. Para fins de exemplificação, é possível observar a cena de um jovem no salão do Ed, ao se referir à vagina de uma jovem, com quem teria se relacionado, e a compara com uma máquina de cortar cabelo. O jovem faz tal comparação no sentido de pontuar pejorativamente que a vagina da mulher seria “grande e preta” e, em seguida, fala que ficou constrangido quando a viu nua.

Outra cena que merece destaque refere-se a fala de outro jovem no salão do barbeiro Deivão, quando afirma, a partir de um *post* nas redes sociais, não aceitar que uma mulher beije a sua boca e a de outros homens também. Esta fala sugere que caberia a mulher uma posição de subordinação em relação ao homem, ao passo que este poderia pegar quantas “minas” quisesse. Trata-se de uma postura machista e uma representação

da mulher privada dos direitos sobre seus corpos e sobre si. Assim, as formas de opressão que incidem na mulher preta periférica perpassam não apenas pela questão do território e da raça, mas também pelas opressões de gênero. Ser mulher, negra e periférica implica pensar em eixos de opressões imbricados, indissociáveis. Pode-se observar que muitos jovens, homens, pretos e periféricos também oprimem mulheres em função da lógica patriarcal embora também sofram com as imposições de certas concepções de masculinidade.

Diante disto, fica evidente que os aspectos elencados são cruciais nos processos identitários dos jovens do “Deixa na régua”. Olhar as experiências destes jovens implica, portanto, considerar estes eixos de opressão. Apesar de não ser objetivo deste artigo aprofundar a teoria da interseccionalidade, seria interessante e pertinente analisá-los pela perspectiva interseccional, como uma ferramenta analítica, uma vez que, esses jovens são atravessados por eixos fundantes tais como a questão de classe, raça e gênero, ou seja, são jovens negros, pobres, periférico e homens e tais atravessamentos também constroem a identidade negra.

Esta perspectiva amplia o olhar para esses jovens, visto que não é possível pensá-los de maneira dissociada, ou seja, não se trata de jovens que ora são pensados enquanto negros, ora enquanto periféricos, ora enquanto homens, com efeito são jovens formados nesta realidade social, e a partir da qual também constroem suas visões de mundo.

Por outro lado, para além dos eixos de opressão que demarcam esta condição juvenil, é interessante observar que esses jovens também resistem às opressões, na medida em que ressignificam este processo, construindo redes de solidariedade pautadas pelo diálogo e por trocas significativas que ocorrem nas barbearias, constituindo-as como espaços educativos informais.

Estética e Educação Contemporânea: o processo educativo tecido nas vivências juvenis

As experiências juvenis nas barbearias relatadas no documentário constroem uma dimensão de práticas educativas, uma vez que possibilitam compartilhamentos por meio da estética, das sensibilidades, da dimensão sensível da existência. Desta forma, pode-se pontuar que os processos educativos transcendem os muros da escola e dos demais espaços educacionais institucionalizados, ou seja, o fazer educativo também se efetiva através das sociabilidades e das trocas cotidianas, como por exemplo nas barbearias.

Nesse sentido, os salões representam espaços fecundos para processos formativos e educativos significantes.

As narrativas dos jovens negros e periféricos desvelam um campo de conhecimento expressivo sobre as vivências desses sujeitos sociais tendo em vista os atravessamentos de território, raça, gênero e classe. Este contexto educativo, expresso pelos salões, possibilita articular os elementos da estética ao campo da educação contemporânea. Em outras palavras, o fazer educativo é tecido a partir dos sujeitos e seus diferentes contextos socioculturais, possibilitando uma educação inclinada para o que o educando apresenta de seu mundo social. Considerando a educação enquanto processo de aprendizado pautado no diálogo e na troca de experiências mútuas, tal como evidencia Paulo Freire (2018). Os jovens do “Deixa na régua” tecem aprendizagens que tocam no âmbito do sentir, das corporalidades, das subjetividades.

Também é interessante pontuar que a estética do corte presente no filme pode ser pensada por diferentes ângulos, para além, sobretudo, da própria concepção puramente do campo da beleza, da visualidade. Em outros termos, o corte implica um campo semântico expressivo no sentido de analisá-lo como, por exemplo, no que se refere às fissuras e cisões espaciais, ou seja, o corte entre os territórios periféricos e o território central. Por outro lado, é possível pensar pela perspectiva dos cortes de direitos desta juventude em relação aos demais jovens oriundos de outras camadas sociais privilegiadas bem como o corte de direito à educação. De um ponto de vista subjetivo, cabe também falar sobre os cortes afetivos desses jovens mediante o contexto social que os avilta constantemente, a exemplo do barbeiro Deivão que, emocionado, conta como sua família foi destruída após o assassinato de sua irmã pela criminalidade local, que também recrutou a maioria dos seus amigos de infância.

Os salões, espaços educativos de trocas das experiências de jovens negros e periféricos, pode ser representado, nesse sentido, como facilitador de um processo de educação informal contemporâneo, ou seja, um campo educacional articulado a elementos da estética, entendendo esta como experiência do sensível. Nas palavras da socióloga Maria da Glória Gohn (2006, p. 28), tal educação é entendida como “aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização”. Portanto, a educação contemporânea é ampliada, está além das instituições formais (escolas, etc.), ela é fluida e abrange outros espaços, sujeitos, culturas.

Gohn (2006, p. 29) salienta que, no campo da educação informal, o processo educativo se dá na interação, e, neste contexto, os agentes educadores podem ser os “pais,

a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc.” Nesse sentido, as questões levantadas pelos jovens nas barbearias suscitam aprendizagens e reflexões sobre a realidade sociocultural dos mesmos. Isto constitui um fazer educativo calcado na dimensão do sensível, das experiências.

Ainda nesta direção, a socióloga discorre que os espaços onde ocorrem os processos educativos informais são “demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc. A casa onde se mora, a rua, o bairro, o condomínio, [...], o local de culto a que se vincula sua crença religiosa” (GOHN, 2006, p. 29). Desta forma, o processo educativo informal “opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados” (2006, p. 29).

Assim, é possível pontuar que o documentário expõe vários elementos analíticos (identidade negra, território, masculinidades, criminalização do território periférico, etc.) que coadunam a dimensão estética com o campo da educação contemporânea.

Considerações Finais

Em face das reflexões tecidas a partir do documentário “Deixa na Régua”, fica bastante evidente a expressiva contribuição que esta produção fílmica oferece ao debate sobre a juventude negra e periférica que frequenta aqueles salões. Entretanto, este trabalho não teve como pretensão esgotar o debate, mas apenas destacar elementos que possam suscitar novos olhares para as diferentes experiências juvenis e sua interface com a dimensão estética.

O documentário oferece diversas chaves interpretativas para pensar as vivências dessa juventude, em seus dilemas cotidianos enquanto jovens, homens, negros e periféricos. A construção metodológica do filme permite ao expectador captar as diferentes nuances que compõem o universo daqueles sujeitos.

Ao longo desta reflexão, procuramos lançar luz sobre alguns aspectos que consideramos norteadores do roteiro do documentário. Evidenciamos aqueles mais pertinentes ao nosso interesse investigativo, que se circunscreve aos campos da estética, da educação e da sociologia da juventude. Esta experiência mostrou-se, sem dúvida, enriquecedora para pensar outras perspectivas de processos formativos, no sentido de dar visibilidade aos sujeitos que, historicamente, foram colocados à margem do tecido social.

Além disso, propõe diálogos entre campos de saberes que fomentem novas pesquisas, tal como a dimensão estética articulada à educação aqui apresentada.

Por fim, o documentário “Deixa na régua” retrata as nuances das experiências de jovens negros, periféricos nas barbearias das favelas cariocas acentuando, sobretudo, dois aspectos: a) os processos educativos contemporâneos também se constroem a partir das vivências do cotidiano dos sujeitos, bem como suas experiências com a dimensão do sensível, da estética; e b) não é possível falar em processo educativo sem considerar a diversidade de sujeitos e os processos identitários que demarcam uma juventude singular, com atravessamentos concernentes ao seu lugar social, a raça, ao gênero e ao território. Tais aspectos evidenciam a importância de futuros estudos que estejam ancorados na perspectiva interseccional, enquanto ferramenta analítica capaz de apreender as vivências desses sujeitos em sua complexidade.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à filosofia**. 6 ed. São Paulo: moderna, 2003.

AZEVEDO, Amailton Magno. Estética negra e periférica: Filosofia, arte e cultura. In: **Revista de Teoria da História**, Volume 22, Número 02, Dezembro de 2019. p. 36-51. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/59887/34171>. Acesso: 25 mar. 2021.

BAUMGARTEN, A.G. **Ästhetik**. Lateinisch-deutsch. Hamburg: Felix Meiner, 2007.

_____. **Estética**. A Lógica da arte e do poema. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Metaphysica-Metaphysik**. Stuttgart-Bad Cannstatt: frommannholzboog, 2011.

CARVALHO, Rafael O. Walter da Silveira: entre a crítica de cinema e a análise fílmica. **Mediação**, Vol. 16, Nº 18 - janeiro/junho de 2014. Disponível na internet: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2159>. Consultado em 07.05.2020.

CERQUEIRA, D., et al. **Atlas da violência 2018**. Rio de Janeiro: Ipea, 2018.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, 24 (1), 2003.

DAYRELL, J. A escola faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, 2007.

FAUSTINO, (NKOSI) Deivison F. (2014). O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). (2014). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC. 1975.

GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, v. 29, n. 1, p. 171 2003.

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra/Body and hair as symbols of black identity**. [Q.l.]: [d.C.], 2002. Disponível em: <http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_textos_sociologia/Negra.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.

GUIMARAES, Ângela. Dilemas da vivência da juventude negra no Brasil. In: PAPA, Fernanda de Carvalho; FREITAS, Maria Virgínia de. **Juventude em pauta: políticas públicas no Brasil**. – São Paulo: Petrópolis, 2011.

GROPPO, L. A. **Introdução à Sociologia da Juventude**. Editora Paco, Jundiaí- São Paulo, 2017.

ISER, W. O ressurgimento da estética. In: ROSENFELD, D. L. et al. **Ética e estética**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

JUNIOR. Paulo, MELGAÇO, Matheus. Bigodin finin, cabelin na régua: o corte de cabelo “na régua” na construção das subjetividades dos jovens negros. **Revista Textura**. v. 22 n. 50, abr/jun 2020

MISSE, Michel. **Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**. 1999. 413 f. Tese (Doutorado em Sociologia) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), Rio de Janeiro, 1999.

MORAES FILHO, E. Introdução. In: SIMMEL, G. (Org.). **Simmel: sociologia**. Coleção Grandes Cientistas. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. 7-44.

MUNIZ, Sodrê. **Claros e Escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel; EUGENIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. **Análise Social**, Vol. 25, No. 105-106, pp. 139-165, 1990.

PERALVA, Angelina T. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**. ANPED – Juventude e Contemporaneidade, n. 5/6, p. 15-24, 1997.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

REZENDE, C. B. Identidade: O que é ser jovem? **Revista Tempo e Presença**, n.240, CEDI, 1989.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SIMMEL, G. Simmel. **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

Referências audiovisuais

A BATALHA do Passinho. Direção de Emílio Domingos. Produção de Emílio Domingos e Julia Mariano (Osmose Filmes). Roteiro: Emílio Domingos e Julia Mariano. Trilha sonora: DJ Vinimax. Rio de Janeiro: Osmose Filmes, 2013. DVD (73min), Digital, son., color.

DEIXA na régua. Direção de Emílio Domingos. Produção de Julia Mariano e Emílio Domingos (Osmose Filmes). Coordenação de Julia Mariano. Roteiro: Emílio Domingos e Julia Mariano. Música: Deixa na Régua (Lucas Santtana). Rio de Janeiro: Osmose Filmes, 2018. DVD (73 min.), Digital, son., color.

FAVELA é Moda. Direção de Emílio Domingos. Produção de Lula Buarque. Produção Executiva: Letícia Monte. Roteiro: Emílio Domingos e Simplício Neto. Co-produção: Osmose Filmes e Espiral. Rio de Janeiro: Osmose Filmes, 2019. DVD (1h15min.), Digital, son., color.

RAPPA, O. Todo camburão tem um pouco de navio negreiro. In: Rappa, O. WEA, 1994. CD. Faixa 03.

Revisores de línguas e ABNT/APA: *Juliana Souza Barbosa*

Submetido em 01/10/2020

Aprovado em 06/04/2021

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)